

Nº 05
ANO 01
Outubro
1999



Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



O Auto do Boi-de-Reis

C. Sérgio

Racine Santos

Dos autos populares do Nordeste brasileiro o Boi-de-Reis é, sem dúvida, o mais expressivo. Na verdade ele existe em quase todo o país, assumindo em cada região um denominação diferente e características próprias. Em Pernambuco, onde encontramos os primeiros registros de suas manifestações, é conhecido como Bumba-meu-Boi. O primeiro registro conhecido do folguedo data de 11 de janeiro de 1840 e foi feito pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, em seu jornal O Carapuzeiro. O autor descreve a ocorrência de uma brincadeira de Bumba-meu-boi em Pernambuco, mas não precisa a época de seu surgimento. Diz apenas que o folguedo é de alguns ou muitos anos.

Segundo Pereira da Costa, a "brincadeira" surgiu no final do século XVII e início de século seguinte. Já Gustavo Barroso (Ao Som da Viola) descreve o "Boi Surubim", uma versão cearense, como um auto do período colonial, possivelmente do século XVIII. No entanto, quando Gilberto Freire toca no assunto, diz que essas manifestações já existiam no tempo do Império nos engenhos pernambucanos. Pesquisando as origens mais remotas do folguedo, Luis da Câmara Cascudo considera que as "Tourinhas" portuguesas teriam sido o marco inicial. As "Tourinhas" consistiam numa pantomima em que

um rapaz, mantido sob uma armação de cipó recoberta com pano, imitando um touro, procurava atingir seus companheiros, numa tourada de brincadeira.

Emigrando para o Brasil com os colonizadores, a brincadeira perdeu seu caráter de tourada, desaguando numa forma de Auto popular que incorporou hábitos e costumes das regiões onde se desenvolveu.

Classificado por Mário de Andrade como uma "dança dramática" (os autos que se desenvolvem em torno de um enredo, de uma história ou situação), o Boi-de-Reis é conhecido no Norte do país

como Boi-Bumbá. Consideramos como o auto popular nordestino mais expressivo, pelo fato de ser aberto, de caráter aglutinador, reunindo cantos, danças e entremezes que variam de tempo e tempo, de região para região. O enredo, inicialmente comum a todos os autos do boi, era o fato de Catirina, mulher do vaqueiro Mateus, grávida, desejar comer a língua do boi mais bonito da fazenda onde serviam. Esse esboço de drama levava à morte e à ressurreição do boi. E em alguns momentos havia a "partilha" e, no final de um ciclo de apresentações, a queima do boi. Seu caráter aglutinador, no entanto, permitiu a incorporação de elementos de outros folguedos, como as charras e os romances hoje cantados entre um

(Cont.)



MESTRE DEDE VERÍSSIMO (SÃO GONÇALO DO AMARANTE)

tradições populares, ainda com alguns elementos medievais, que se misturam com o cotidiano de seus brincantes e assistentes. O resultado é uma festa de cor, sons, ritmos, piadas, romances, entremezes, numa celebração coletiva da alegria do povo, numa teatralidade primitiva, espontânea, preservando inclusive termos que denunciavam raízes mais profundas que imaginam alguns estudiosos de hoje. Causou-me espanto, por exemplo, ao assistir uma brincadeira do "Boi" de Manoel Marinheiro, no bairro de Felipe Camarão, em 83, ouvir os seguintes versos:

Menino Jesus da Lapa
Quem te deu cabelo louro?
Foi a minha mãe Sant'Ana
Que mandou do seu tesouro
.....
Menino Jesus da Lapa
Quem te deu esse chapim?

Foi a minha mãe Sant'Ana
Que amandou do céu prá mim.
A palavra chapim, significando sapatinho, absolutamente fora de uso no português que falamos hoje, fui localizá-la num auto de Gil Vicente. Uma palavra, mantida pela tradição oral, me ligando o Boi-de-reis de Manoel Marinheiro a remotas fontes vicentinas, medievais, ibéricas.
A fala do povo
O maior obstáculo para os estudiosos dos autos populares e outras brincadeiras do povo, como o João-Redondo, por

exemplo, é a aceitação de como eles se expressam realmente. Sobretudo no que diz respeito a linguagem verbal. Referindo-se ao vocabulário usado por

Rabelais em sua importante obra, Voltaire classificou-o como um "conjunto de impertinências e grosseiras porcarias". No entanto Mikhail Bakhtin, analisando e compreendendo o autor de "Pantagruel", prefere dizer que ele usou o

"Vocabulário da Praça do Povo". É sob essa ótica que devemos estudar, compreender e registrar a linguagem dos autos e brincadeiras do povo. A dicotomia cultural oficial, letrada, formal ou de elite versus cultura popular, folclórica, oral, faz com que muitas vezes estudiosos do assunto "filtrem" para os

salões letrados o desabrido "vocabulário da praça do povo".
O auto do Boi-de-Reis, como uma forma primitiva de teatro popular, uma opereta do povo, ou, no dizer

grotesco. E essas brincadeiras populares, onde incluímos os autos do boi, o pastoril e o teatro de João Redondo, são perpassadas por uma carnavalização, nos termos propostos por Bakhtin, que rompe com os conceitos do espetáculo aristotélico, ao mesmo tempo que provoca uma ruptura com o cotidiano, elimina as barreiras sociais e convencionais de qualquer ordem, gerando um riso liberador.

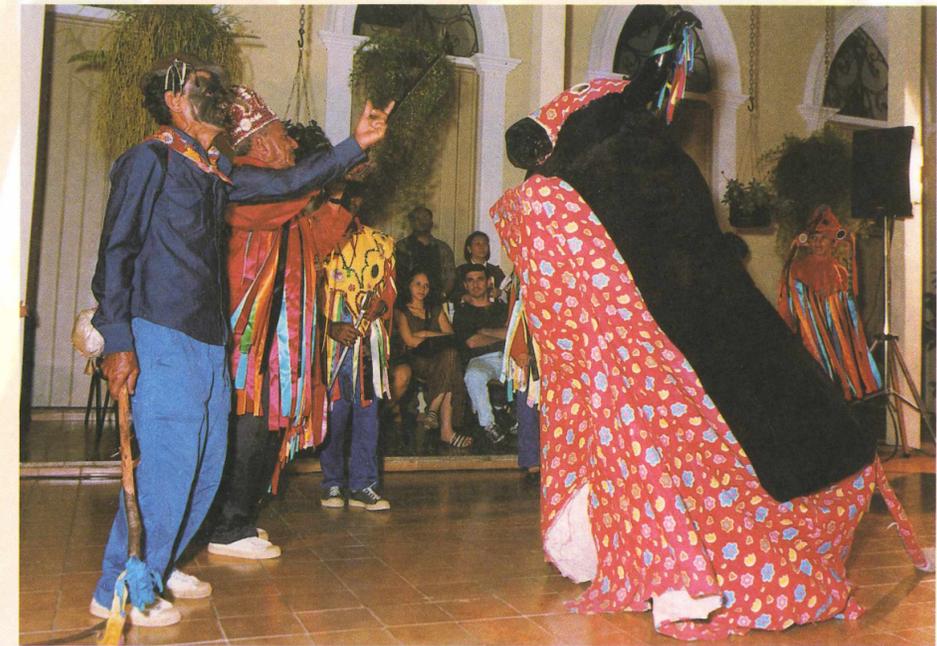
A carnavalização, uma herança da cultura da Baixa Idade

Galante

Média, é o fenômeno que trás para a cultura popular do Nordeste a paródia do discurso religioso e científico. Na maioria das brincadeiras de Bumba-meu-boi, em Pernambuco, há a figura do "dotô" (um médico). Transpondo esse personagem para uma peça teatral, Jairo Lima, em **Cancão de Fogo**, dá um exemplo desse discurso paródico, quando fala o "Dotô Raiz":

Eu agora vou dizer Como é a operação Começo pelo *toitiço* Que vou abrir a facão.
Depois se rasga a chapada Que fica em riba do *quengo*.
Boto os miolos prá fora E lavo com água fervendo, Aí se procura um caldo Bem na raiz do pilôro,
Se evacua a *traquinina* Que é um líquido seboso Tirando todo o toicinho Da raiz até o talo.
Cutuca-se o *cerebedêlo*, Liga a mente com o suvaco
Desvia-se a *catarineta* Dá-se um ponto, faz-se um traço
Depois regula-se a válvula controladora da fala
Prá baixar um pouco o tom.
Dá-se um nó, e sem malícia Posso afirmar com perícia Que o sujeito fica bom.

Estrutura e formação
No Rio Grande do Norte, onde o povo conhece a brincadeira como "Boi-de-Reis" (embora alguns estudiosos prefiram



BOI-DE-REIS DE SEU MANOEL MARINHEIRO

chamar de Boi Calemba), é onde ela se apresenta com a formação mais simples. Em nosso Estado o elenco da brincadeira é formado pelo Mestre, que vem montado na burrinha, os vaqueiros Mateus e Birico, Catirina, os galantes e as damas. Depois vêm as figuras

dos "bichos". Tudo conduzido pelo Mestre, que dialoga com os vaqueiros e determina a entrada e saída das figuras. Em outros Estados nordestinos, como no Ceará

Capitão (Mestre em outros Estados) chamam-se, ambos, de Mateus. Depois vem a Catirina ou Catita, o Médico, o Padre e o Sacristão, o Fiscal, a Pastorinha, os índios, Mané Gostoso e o Valentão ou Cangaceiro. As figuras são: o Boi, o bode, o jaraguá, a alma de São Miguel, o Cão, o Urso, Guriabá, Gigante, Babau, Lobisome e Cavalão-Marinho.

(Cont.)



GALANTES DE BOI-DE-REIS

do Boi, o bode, o gigante e o jaraguá. Praticamente não existe enredo e o espetáculo se resume em cantos e bailados interpretados pelos galantes, as piadas e as loas ditas por Mateus e Birico, e a apresentação

e em Pernambuco, o auto conduz um elenco muito diversificado. Desde o "cão", figura obrigatória em quase todo auto medieval, a elementos contemporâneos como o engenheiro, o fiscal, o cangaceiro, etc. No Ceará, por exemplo, os vaqueiros que acompanham o



GALANTES DE BOI-DE-REIS

MATEUS DO BOI-DE-REIS DE PEDRO VELHO

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,
Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790.
E-mail: mensagens@candinhabezerra.com
Internet: www.candinhabezerra.com

Direção de Pesquisa
Dácio Galvão
Programação visual
D & S Publicidade
Colaborador
Racine Santos
Teatrólogo
Fotos
Candinha Bezerra

Apoios
Tribuna do Norte
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para colecionar o seu Galante, nas principais bancas da cidade, Scriptorin Candinha Bezerra e Fundação Hélio Galvão.

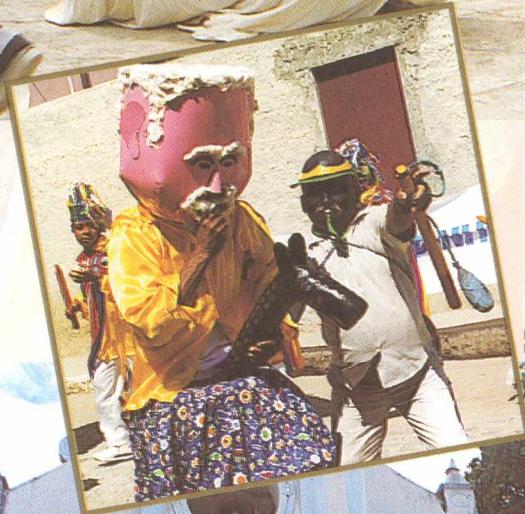
Em Pernambuco é praticamente a mesma coisa. Apenas os vaqueiros são chamados de Mateus e Bastião (Birico entre nós).

E de onde vêm esses grupos? Tantos são os estudiosos do assunto quanto são as versões. Para Câmara Cascudo (História da Literatura Brasileira Literatura Oral Col. DB, Vol, VI), trata-se de um folguedo de origem mestiça, obra de mulato, da "imaginação, malícia congênita do mulato". O folclorista alagoano Abelardo Duarte tem uma argumentação contrária à origem sertaneja do auto do Boi-de-Reis. Para ele "não é e nem poderia ser de origem cabocla, ligada ao ciclo dos vaqueiros do Nordeste." E afirma que o Bumba-meu-boi nasceu no massapé e nos canaviais, ligado à vida dos engenhos de cana-de-açúcar. A defesa de seu ponto de vista tem por base o fato de que Mateus e seus companheiros são figuras dos engenhos, pertencem a uma comunidade social diferente da dos sertanejos."

Pereira da Costa também defende esse ponto de



BOI-DE-REIS DE PEDRO VELHO



BURRINHA NO BOI-DE-REIS DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE



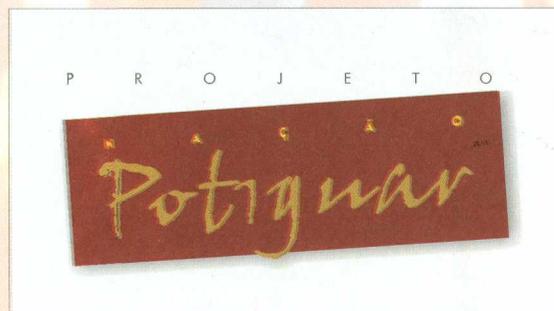
BOI-DE-REIS DE PEDRO VELHO

vista, afirmando ser o auto originário da zona açucareira, tendo emigrado posteriormente para o sertão, onde sedimentou-se. Concorre para reforçar essa possibilidade o fato de que a brincadeira, em tempos mais remotos, aparece não apenas nas festas do ciclo natalino e nas festividades religiosas em geral, como também se fazia presente no carnaval. Fato que acontece até hoje no Recife.

Reforçando essa tese, o cearense Oswald Barroso afirma: "O argumento parece razoável, pois o vaqueiro nos "Bois" nada tem do cavaleiro temerário do sertão e o boi não é um barbatão indomável a exemplo do que acontece na saga do romanceiro do chamado ciclo do gado. Além do que, tanto Mateus como sua parceira Catirina, um casal de negros espertos e atrevidos, figuras tradicionais nos bois, são inquestionavelmente oriundos da zona da mata." No Rio Grande do Norte, curiosamente, os mais importantes grupos de Boi-de-Reis estão localizados longe do sertão. Estão em Natal, Canguaretama, São Gonçalo, Vila-Flor, Nísia Floresta, Tibau do Sul, Pedro Velho, Montanhas, Santo Antônio e Eloy de Souza.



GALANTE DE BOI-DE-REIS



JARAGUÁ DO BOI-DE-REIS DE PEDRO VELHO